

Indígenas na Metrópole: A luta da Aldeia Multiétnica “Filhos dessa Terra” por respeito e dignidade no município de Guarulhos

Mario Cabral de Almeida¹

Orientadora: Profa. Tatiana Lima de Almeida

RESUMO

O presente trabalho, buscou compreender como vivem e quais as reivindicações dos indígenas que vivem na Aldeia Multiétnica Filhos dessa Terra no município de Guarulhos. Bem como, buscou aprender um pouco mais dessa Cultura e dessa rica história e, dessa iniciativa de agrupar diversas etnias indígenas num único espaço geográfico. Buscando com isso, lutar para manterem a sua cultura, suas tradições em meio a uma cidade grande, como Guarulhos. Mostrando que, apesar do seu meio de vida ser ligado às tradições da mata e, um modo diferente do nosso de relação com a natureza, eles merecem respeito e dignidade e são cidadãos como nós, que vivemos numa lógica capitalista e muito diferente deles. Esse trabalho, visa extirpar preconceitos e senso comum em relação à cultura indígena e o seu modo de relação com a terra. A nossa proposta de intervenção, consiste em dar voz ao interlocutor e que ele seja o protagonista de suas reivindicações e nesse trabalho, o principal intuito é compilar essas falas e divulgar tanto no âmbito acadêmico quanto fora da Universidade, que o indígena deve ser ouvido e seus direitos respeitados. E que a trajetória desses indígenas residentes em Guarulhos, seja publicada, com a autonomia deles falando de si próprios, sendo este trabalho, um mero registro desses depoimentos e dessa importante história de luta.

Palavras chaves: História das Ciências, Matemática, cultura Afro-brasileira e eurocentrismo.

ABSTRACT

This paper looks after understanding how the indigenous people of the Multiethnic Village "Filhos desta Terra", Guarulhos's town, live and what their claims are. It also intends to learn more about this culture and rich history, and about this initiative of bringing together several indigenous ethnic groups into a single geographical area. In this way, they fight on maintaining their culture and traditions in the midst of a big city like Guarulhos. Showing that, despite their way of life being linked to the traditions of the forest and a different way of relating to nature than ours, they deserve respect and dignity and are citizens like us, who live in a capitalist logic that is very different from theirs. This work aims to eradicate prejudices and common sense regarding the indigenous culture and their way of relating to the land. Our proposal for intervention consists in giving voice to the interlocutor and making him the protagonist of his claims. In this work, the main intention is to compile these speeches and spread, in the academic sphere as well

¹ Especialista em Educação e Direitos Humanos pela Universidade Federal do ABC.



as outside the university, that the indigenous people must be heard and have their rights respected. The trajectory of these indigenous residents in Guarulhos to be published, with their autonomy speaking for themselves, this work being merely a record of these testimonials and of this important history of struggle.

Keywords: indigenous, land, multi-ethnic, ethnic, urban

INTRODUÇÃO

Epígrafe:

“... Eu posso ser que meu quiser, sem deixar de ser quem eu sou!”

(Casé Angatu Xucuru Tupinambá, militante indígena

Tupinambá e professor universitário, em entrevista para o

documentário Tupinambá Subiu a Serra, em 2019).

Os motivos para a escolha desse tema, para o Projeto de Intervenção EDH. O motivo de trazer, os depoimentos na íntegra dos indígenas contatados para esta monografia, é uma inquietação que tenho dentro do âmbito acadêmico.

Onde o pesquisador fala pelo objeto. E no caso, essa Proposta de Intervenção visa o contrário, que o interlocutor fale e que essa pesquisa, seja uma descrição fidedigna da voz dos indígenas que contatamos. Pois, esses indígenas possuem dinâmica, atuação social, uma história de vida e muita a contribuir com seus saberes e sua cultura para nós. É salutar que sua voz seja ouvida, que eles falem de si com a propriedade e vivências que possuem, na luta por Direitos Humanos.

O intuito também, é trazer as histórias de vida desses interlocutores até a chegada em Guarulhos, narrando os percalços e experiências desses indígenas até a sua luta pela posse da terra onde está instalada a Aldeia Filhos dessa Terra. Como morador da cidade de Guarulhos, os temas relacionados à história e a cultura da cidade são muito caros para mim. Nesse quesito, já produzi um documentário que fala da trajetória de violeiros Caipiras e Repentistas que vivem no município, o Cantoria Urbana (2016), e a importância da fruição dessa arte para o caldo cultural da cidade. Também produzi um



curta-metragem, tendo como protagonista o professor universitário e indígena Casé Angatu Xucuru Tupinambá, o Tupinambá Subiu a Serra (2019), que mostra que o indígena pode estar onde quiser e, ocupar os espaços de direito na sociedade e reivindicar o seu direito à dignidade enquanto cidadão e na defesa da sua Cultura. Além da formação em História, também sou artista, atuando em teatro e cinema com produtores e diretores locais e também escrevo Cordéis, com três trabalhos publicados: Cordéis Dedicados (2016), Lamentos e Memórias (2018) represente na coletânea Prêmio Literatura Guarulhense (2020).

Outro motivo que vale a pena frisar, é que esse trabalho busca denunciar a deficiência de Políticas Públicas eficazes no município de Guarulhos nas áreas da Saúde, da Educação e da Assistência Social. Deficiências essas, que são claramente percebidas nas falas de nossos entrevistados que, em quase cinco anos de retomada da Aldeia Filhos da Terra, viram a atuação do Poder Público tacaña, morosa e insuficiente, em face das demandas dos moradores da aldeia.

A monografia, está disposta em dois capítulos para melhor objetividade da Proposta de Intervenção, que é ser sucinta, mas ao mesmo tempo trazer um tema de relevância que dialogue com o campo de pesquisa dos Direitos Humanos. E também traga à lume, esse assunto tão latente na sociedade e no âmbito da pesquisa universitária, que a Questão Indígena. E a urgência desse debate na atualidade, em face de um período sócio-histórico caracterizado pelo desmonte de Políticas de Proteção e Assistência ao índio, nas esferas federal, estadual e municipal e o colapso de programas sociais de atendimento aos mais necessitados e mais ainda, um ataque frontal às instituições que propiciam auxílio à população e aos valores democráticos. O recorte temporal, que foi delimitado nessa monografia compreende o período de 2017, data da ocupação da área da Aldeia (localizada no bairro Cabuçu, região da periferia de Guarulhos) até 2022, ano em que completam cinco anos de permanência na área. Durante o processo de pesquisa, buscamos textos e bibliografias que abordassem algo referente à Aldeia, porém não encontramos. Portanto, ressaltamos a importância dos depoimentos coletados para referendar esse escrito e a necessidade de recorrermos a outras fontes, como sites e vídeos para compor as referências.



Metodologia Aplicada

Nessa pesquisa, o aparato metodológico que utilizamos foi na perspectiva antropológica do americano Clifford Geertz (1986), pois ao analisar a “cultura” como um “texto” o autor deixa claro que de um estudo apurado de um povo, um fenômeno, uma cultura são possíveis tirar-se mais de uma “leitura”, fazendo com que “está leitura aqui proposta” seja uma de muitas que possam surgir no estudo referente aos indígenas aqui da cidade, sendo de valia, etnografias e sistemáticas observações em eventos, e na vida cotidiana dos interlocutores que buscamos investigar.

Em Geertz temos uma pergunta: “como é possível para o antropólogo chegar a conhecer a maneira como o nativo, ou povo pensa, sente e percebe o mundo?” (GEERTZ, 1989). A resposta para ele está relacionada a constante busca antropológica para se entender o mundo do ponto de vista do nativo, do povo a ser pesquisado, capturando “experiências próximas” (conceito do autor) para maior entendimento da vida social. Geertz, defende que o antropólogo deve descobrir os significados atribuídos pelos nativos à suas práticas e representações. Tarefa que para ter êxito, deve trabalhar em convergência com os saberes e conhecimentos do povo que se deseja pesquisar em articulação com conceitos criados cientificamente. Segundo o autor: “a cultura é como uma teia de significados construída pelos próprios homens de modo que a Antropologia se apresenta como uma ciência interpretativa que está a busca desses significados” (GEERTZ, 1989).



CAPÍTULO I- OS “FILHOS DA ALDEIA” E A SUA RELAÇÃO COM GUARULHOS

Epígrafe:

“As pessoas não entendem que a gente sai das nossas aldeias para buscar o melhor para gente e para nossas famílias. Mas ainda falta políticas públicas destinadas ao nosso povo é uma luta diária, nós enfrentamos preconceito e discriminação todos os dias”.

(Vanuza Kaimbé, militante indígena e Técnica de enfermagem que reside na Aldeia Filhos dessa Terra.

Em entrevista para Marcela Vasconcelos em 19 De Abril De 2021.

Digno de nota é que, Guarulhos tem sua origem indígena, cujo nome da cidade, Guarulhos, é discutido entre historiadores, se provém de gu-arú-bo , que significa “trazido”, que eram os índios catequizados que por aqui chegaram pela mão dos missionários jesuítas. Já outra vertente, afirma que o nome da cidade deriva de guarulho, uma espécie de peixe que havia no Rio Tietê. (RANALI, 2002). Porém, a história de populações indígenas que residiam aqui na cidade anteriormente, está registrada somente em livros e escritos sobre a história local. Onde, a cultura dos indígenas nativos aqui do município, foi se extinguindo com o passar do tempo, não tendo registros de remanescentes desses nativos atualmente.

O indígena que reside em Guarulhos agora, é migrante, vindo em sua maioria, de outros estados da federação, e já inseridos num contexto de urbanização e periferia da cidade (SANTOS, 2006).

Durante essa pesquisa uma coisa ficou latente, que os indígenas que residem em Guarulhos de maneira unânime, se queixam dos preconceitos e discriminações que sofrem. Tanto por parte da população, quanto por parte do Poder Público, concernente às políticas de atendimento e assistência aos cidadãos de origem indígena que vieram para



Guarulhos, sendo fruto de um grande fluxo migratório. Migração em sua maioria, da região Nordeste para cá, onde buscam melhores condições de vida e uma terra para viverem, criarem suas famílias e manterem a sua cultura e as suas identidades.

Apesar de contar com 80 indivíduos, ou 25 famílias, divididas em 16 etnias diferentes e viverem em uma área de 130 mil m², localizada próxima a um importante via do município, a Benjamin Harris Hunnicutt, n°5600, muita gente na cidade desconhece a existência da Aldeia Filhos da Terra, localizada no bairro Cabuçu. Aonde à cinco anos, estão resistindo e lutando por sua terra e seus direitos.

As dificuldades enfrentadas

Em relação, ao descaso da Administração Pública do município coma aldeia podemos colocar primeiro, a falta de uma escola para os moradores da Filhos dessa Terra² Os indígenas reclamam da falta de apoio da Prefeitura em atender as reivindicações para a instalação de uma escola pública dentro da Aldeia bem como trazer os professores, como manda a lei.

Os líderes da Aldeia, reclamam da falta de interesse da Prefeitura em atender essa demanda e a Prefeitura, até o presente momento não deu uma resposta concreta sobre esse assunto. Apenas informou em nota, que esse assunto deve ser tratado pela Subsecretaria da Igualdade racial subordinada à Secretaria de Assuntos Difusos (SAD), cujo documento denominado Plano de Governo, delimita que a educação, a cultura, a ciência, tecnologia e inovação devem ser implantadas como um “corpo indissociável da cidadania plena e fundamento do desenvolvimento sustentável”. Uma afirmativa vazia, que não está atendendo as demandas dos moradores da Aldeia (AWA, 2022).

O que entendemos com isso, é que a Prefeitura nas entrelinhas está tirando a sua responsabilidade de direcionar Políticas Públicas para esses cidadãos e fazê-los recorrer,

² A FUNAI (Fundação Nacional do Índio), salienta que o povo indígena tem direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. E de acordo também, com a LDB (Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional), a inclusão de um currículo voltado para a educação indígena é de competência do Ministério da Educação, porém, cabe as instâncias Estadual e Municipal a garantia desse direito aos povos indígenas.



por conta própria, à rede pública de ensino do Estado e do Município, como os outros estudantes.

Sem se atentar às suas especificidades e, as leis que garantem uma Educação específica aos indígenas. Outro ponto que salientamos também, é que a Administração municipal não reconhece a legalidade do aldeamento onde os indígenas pleiteiam a escola. Portanto, subtemos ser mais um resquício da desatenção por parte da Prefeitura em promover melhorias para essa comunidade.

Os moradores de aldeia, também sofrem muito preconceito, e com frequência são insultados e até ameaçados verbal e fisicamente. Awa nos afirma que, muitas pessoas pela rua, em comércios, nos ônibus, veem os índios com olhar de estranhamento e espanto, como se fossem “bichos exóticos” (grifo nosso). Trágico, porém irônico, pois o termo exótico significa “de fora, o que não é originário do local em que ocorre; que não é nativo”, e nada mais originário e nativo em nosso país do que o indígena (AWA, 2022).

Nossos Interlocutores

Simone Pankararu, 44 anos. Migrante nordestina, e indígena da tribo Pankararu do Pernambuco. É uma como muitas mulheres, que lutam por sua gente, e contribui com as atividades na aldeia. Simone, faz artesanatos e artes para vender e trazer algo para casa.

Também faz atividades em escolas e eventos, divulgando a cultura e a história de seu Povo. Ana Paula Pankararu, 38 anos. Irmã de Simone, também faz parte da grande família indígena que vive na aldeia, trabalhando nos afazeres domésticos e também na construção e manutenção de casas para os "parentes". É assim que os índios se tratam, como parentes, numa lógica de família. Tem uma atuação na aldeia, principalmente nos ritos religiosos e nas crenças do povo Pankararu. E de acordo com Ana Paula, a vida laboral, as atividades cotidianas e a fé andam juntas, são indissociáveis (ANA PAULA, 2022).

Awa Wera, 50 anos. Nascido em Peruíbe, no Litoral Paulista. Um dos pioneiros na idealização e implantação da Aldeia Multiétnica. Militante aguerrido, das lutas por



melhoras na Assistência social e no pleito da concessão definitiva da terra³. É uma das lideranças mais ativas da comunidade indígena que reside na Filhos da Terra.

No capítulo seguinte, através das entrevistas veremos nossos interlocutores trazendo pormenores das suas trajetórias de vida e de suas histórias na Aldeia. Bem como, curiosidades de sua cultura e as suas queixas contra o preconceito que sofrem e a negligência por parte do Poder público, quem não cumpre o seu papel, de levar benfeitorias e assistência para a comunidade, nos quesitos de Educação, Saúde e o mínimo necessário para os moradores da Aldeia viverem com dignidade.

CAPÍTULO II- OS DEPOIMENTOS COLETADOS E AS REIVINDICAÇÕES CONTIDAS NAS FALAS DOS INTERLOCUTORES

*Entrevistas com Simone e Ana Paula Pankararu em 08/06/2022 e, com Awá Kuaray Wera em 10/06/2022, respectivamente na Aldeia Multiétnica Os Filhos dessa Terra, Guarulhos-SP.

Observação: as respostas foram transcritas da forma como os entrevistados falam, em linguagem coloquial.

Mario Cabral (M.C.)

Simone Pankararu (S.P.)

Ana Paula Pankararu(A.P.)

Awa Kuaray Wera, Tupi (A.W.)

(M.C.) -Fale um pouco sobre você e sua trajetória de vida até chegar em Guarulhos.

(S.P.) - Eu me chamo Simone, sou do povo Pankararu da Aldeia Brejo dos Padres em Pernambuco, mas hoje vivo na aldeia Filhos dessa Terra em Guarulhos. Eu cheguei aqui

³ O processo de Concessão de Posse da Terra, onde se situa a aldeia Filhos dessa Terra encontra-se ainda em litígio judicial, pois a área pertence ao município e não à União. O que os indígenas aguardam, é a Concessão por Usucapião que segundo os advogados que estão à frente da causa, afirmam ser a forma mais palpável dos indígenas terem êxito nesse pleito. Pois, em poucos meses eles completaram os cinco anos de permanência no terreno que está construída a aldeia, caracterizando o Usucapião.



há mais ou menos 25, 26 anos atrás, mas, nesse período de 25 a 26 anos já fui e voltei a minha Aldeia Mãe muitas vezes, não para morar novamente, mas pra buscar força né? Para me fortalecer espiritualmente e, a minha estadia aqui por Guarulhos já tem mais de 15 anos... Os outros anos aí, eu vivi junto com grande parte do meu povo lá no Real Parque, no Morumbi, na Zona sul de São Paulo, e..... Mas a minha estadia mesmo, é mais aqui no município de Guarulhos onde minha mãe tem uma casinha e a gente viveu aqui todo mundo junto. E hoje, até a gente conseguir estar aqui dentro dessa Aldeia mesmo, né? Então, essa foi a minha vida nos últimos.... últimos anos. Desde 2018 na verdade, que eu tô aqui na reserva Filhos dessa Terra junto com esses parentes e aonde nós temos mais de dezesseis etnias vivendo ainda hoje, aqui na luta pela concessão da terra né... que ainda está em processo, estamos aguardando essa concessão de posse.

(M.C.) - Como são as relações entre as várias etnias que residem na Aldeia Filhos dessa Terra?

(S.P.) - Hoje na reserva, na Aldeia Filhos dessa Terra, mora um monte de etnias. Onde temos aqui Pankararu, que vos fala (risos) Pankararé, Wassu Cocal, temos Timbiras, Xukuru D' Ororubá, Kariri - Xocó, e Tupi né....Esses são os povos que residem hoje na reserva e também, como toda boa família tem os seus altos e baixos né? A gente tem, uma hora que tá tudo fluindo, tudo na santa paz, tudo em harmonia Porém tem hora que também tem conflito. Toda família briga, porém a gente busca na hora do desentendimento sentar pra conversar e entra em um acordo...Vê quem tem razão, que não tem razão pra trazer a paz de novo. Porque toda casa, precisa de tranquilidade pra que as coisas venham a fluir e é isso que a gente tem buscado, por mais dificuldade que a gente tenha de resolver um problema.... quando ele se torna difícil de solucionar, a gente chama uma reunião pra não ter uma guerra né pra não virar uma guerra. Então a gente chama uma reunião e bota " os pingos nos Is", e como todos os bons irmãos a gente volta a paz de novo, encontra de novo a tranquilidade entre os povos!

(M.C.) -Quais as principais dificuldades de ser indígena na cidade grande?

(S.P.) - Eu posso dizer, que só de ser Pankararu já não é fácil! Pankararu chegou aqui em São Paulo, na década de 40, 50 quarenta e pouco à cinquenta. Então assim, tem muita construção, tem muita obra que Pankararu ajudou a fazer dentro do Estado de São Paulo.



Só que, quando meu povo chegou dentro de São Paulo, eles vieram pra cá como mão de obra. É por isso que tô lhe dizendo que ser Pankararu já não é fácil. Nosso povo foi convidado a vir trabalhar como ajudante de obra, em rodovias, na construção do estádio do Morumbi, que não sei quantos anos tem hoje, mas foi naquele estádio.... foi erguido pela mão de homens Pankararu! Podiam não estarem lá como engenheiro, como chefe de obra, mas, eles estavam lá como a mão que mexia a massa né?! Mas ninguém sabia, ninguém sabia que aquele povo era povo indígena ninguém sabia que aquele homem que tava, que ficou enganchado em uma ferragem, e quase perdeu a vida era um indígena!

(A.P.) - Então assim, hoje eu digo a você Mario que ser indígena dentro de uma metrópole é difícil, muito difícil porque você não é reconhecido como indígena! Se você não tiver à caráter, se você não tiver pintado, de cocar, totalmente caracterizado você se torna invisível! Então, estar dentro de uma cidade como São Paulo, com "mil e uma caras" ...a gente se torna um grãozinho de areia num deserto. A gente não tem na maioria das vezes.. não temos voz, nós não temos vez pra gente ser ouvido, a gente tem que pegar o nosso maracá, a gente tem que pegar o nosso cocar, tem que se pintar e ir pra rua. Aí as pessoas nos vê... Aí eles nos ouvem. Na maioria das vezes né... Nem sempre.... Nem sempre somos ouvidos, nem sempre nós somos reconhecidos e respeitado. As pessoas costumam olhar pra gente e perguntar: você é índia de verdade?!E isso isso dói.

(S.P.) - Isso é muito triste porque ... eu costumo dizer assim que, o nosso país ele sempre foi terra indígena, mas ele acolheu português, ele acolheu todo povo europeu, trazendo consigo também os africanos e foi misturando as raças dentro do nosso país. E hoje, Pankararu tem cara de negro, tem traços indígenas, mas tem traços africanos, tem traço de tudo quanto é raça que se você chegar na minha aldeia Mãe, você vai encontrar essa diversidade. Um índio branco de cabelo duro, um índio preto de cabelo liso, você não sabe mais qual é a verdadeira cara de Pankararu. Porque nas redondezas do nosso território, em Pernambuco, tinha quilombo onde viviam os ... negros, onde eles se refugiaram, onde eles fugiam de seus senhores, onde se escondiam... E encontraram também o acolhimento do nosso povo, e foram dividindo conosco a mesma terra. Hoje, Pankararu tem pele escura, tem cabelo crespo, tem Pankararu de pele clara de cabelo



duro... Somos assim. Então, eu costumo dizer que o nosso povo hoje, na maioria das vezes, dentro da cidade ele é um invisível!

(M.C.)- O governo municipal (Prefeitura) tem algum programa de assistência para os moradores da de reserva? Vocês têm acesso à saúde, educação etc?

(S.P.) - Na questão da saúde, na questão de assistência, nós recebemos a assistência do CRAS que é um programa da prefeitura em parceria com o governo federal. Mas é aquela coisa né...a prefeitura de certa forma ela tem que se mostrar " um ladinho" , da face dela de boazinha! Olha, estou fazendo o meu trabalho. Sendo assim, entra a assistência social, o CRAS⁴ ajudando com uma cesta básica, cesta básica essa que até um mês atrás, veio comida vencida! Dentro da nossa cesta, cesta que a gente recebeu num dia, que abriu no outro, olhou o alimento ele tinha bichinho na comida, tava vencido! Então assim, a prefeitura tá mostrando que ela "tá fazendo a sua parte". Mas em questão de saúde, saneamento básico nos falaram pra ir atrás do SESAI⁵ que é o órgão federal que supre as necessidades dos indígenas, que nos atende com saúde, e toda essa situação nas aldeias. Só que isso aqui é área de município, não é do Estado ou federal. Então a SESAI só entraria se fosse área estadual.

(A.P.) - Mas aí... Vai falar pra prefeitura, a prefeitura se tira da posição, tira o dele da reta, e até hoje nós temos um entendimento assim, eu posso dizer pra você que a UBS tem uma médica, que é uma médica da família, ela vem até hoje, cinco anos vai fazer esse ano, que nós estamos aqui na retomada da nossa aldeia, até hoje ela foi a única médica que entrou dentro da aldeia pra fazer o papel dela de médica! Não que ela tem a obrigação de vir nos visitar aqui, mas ela veio buscar crianças, idosos, gestante, quis saber e veio por ela ser uma pessoa humana! Não foi porque a prefeitura deu a ela a função de ela vir, oh... você vai ficar pra dar suporte à aldeia, não foi uma posição da prefeitura, foi uma posição da médica. Aonde ela precisa enfrentar, até na maioria das vezes... O chefe da UBS, o chefe dela no caso e... vir pra cá. Onde ela graças a Deus, conseguiu trazer o chefe dela pra cá,

⁴ CRAS (Centro de Referência em Assistência Social). Cuja função, é dar o acesso a serviços, benefícios e projetos de assistência social a população e principalmente, as pessoas mais carentes que necessitem do amparo da estrutura pública para garantir seus direitos.

⁵ SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), órgão responsável por coordenar e executar a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas e todo o processo de gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS) no Sistema Único de Saúde (SUS).



porque nesse tempo todinho, não tinha vindo ainda. Então, a prefeitura em si, diante do serviço social que é o que realmente foi designado à aldeia, pra cuidar da aldeia, ela deixa muito a desejar! Tudo deixa a desejar, questão da saúde, do saneamento básico e outras coisas, tá tudo pendente. E sem uma iniciativa da prefeitura, todos os outros órgãos não podem atuar, pois quem dá o aval é a prefeitura, pois essa terra é do município.

(M.C.) - Há a falta de respeito, devido vocês terem outra forma de relação com a terra e a natureza?

(S.P.) - Então, eu acho assim, essa questão do ponto de vista, sobre o respeito, do Juruá⁶ com a gente, é... diferente. Não é bem uma falta de respeito, eu acho que seria mais um... uma falta de conhecimento, de informação, de convivência né? Porque, na escola do branco, na escola do Juruá, ele entende o que: aprende que o índio vive da caça e da pesca... mas hoje, o nosso país tem 99% cidade e uma aldeia! Pra cada cem cidade uma aldeia, ou seja, nós já não temos mais aldeia, mais mata, nós já não temos mais rio limpo. Se nós não temos nada disso, eles... Deveriam pensar que hoje é diferente. Mas é falta mesmo de visão, de informação, não é nem falta de respeito, na maioria das vezes.

(A.P.) - E aí é onde entra na maioria das vezes Mario, o preconceito. Por que eu digo isso? Porque se o indígena tá na cidade, no contexto urbano ... até mesmo nós aqui da reserva, dessa aldeia, nós saímos na rua pra trabalhar, ou fazer nossas atividades, aí o povo diz: "nossa, mas você não é índia, você tem celular!" Eu não posso ter um celular?! Aí eu vou dizer que isso é preconceito, porque você é branca trabalha, você pode ter? Eu, só porque sou indígena eu não posso ter? Eu trabalho igual a você. Na maioria das vezes, é... as pessoas acham ainda que o indígena tem que viver como lá no tempo dos nossos tataravós, que eles naquela época tinham em abundância, mata, rio limpo, variedade de frutíferas, pra comer a caça que desejasse, e hoje?!

(S.P.) - Hoje, você sai de casa pra trabalhar sem café, não tem hora certa de almoço... já aconteceu da gente fazer trabalho em escolas, aonde a gente não teve direito nem a comer da merenda, que é o governo que fornece pros alunos. Ah, porque os índios não comem isso, afirmaram! Nossa gente, nós somos pessoas como vocês. Então, eu digo que isso

⁶ Juruá é como os Pankararus chamam os brancos.



pode até ser uma falta de respeito, mas a maior culpada é a desinformação, que gera o preconceito, de achar que você pode comer filé mignon e eu tenho que comer salsicha, ou ovo! Então isso é preconceito, pensar ser melhor que o outro. Se eu sou uma cidadã, que posso votar, eu trabalho... eu tenho direitos igual o Juruá.

(A.P.) - Tem pessoas quando vai falar, quando vão numa Cerimônia religiosa indígena diz assim "nossa eu senti uma energia tão forte, eu senti uma presença tão grande, sabe... a minha vó foi indígena, ela foi pega à laço! E falam com um orgulho, gente... isso é triste, isso é a história mais triste do nosso povo... Éa história que mais dói!

(M.C.) - Comente a idealização, e o histórico da fundação da aldeia, bem como os indígenas que encabeçaram esse movimento.

(A.W.) - Eu sou Gilberto Silva dos Santos, e na minha língua indígena, meu nome é Awá Wera, que meu nome de batismo né? Todo Tupi quando completa um ano de idade. Sou nascido na cidade de Peruíbe, onde fica a minha aldeia, a Aldeia Bananal, e essa aldeia é a mais antiga do Estado de São Paulo, ela tem mais de 300 anos de história. A gente fala muito "aldeia mãe". Hoje no Estado de São Paulo, nós somos em 84 aldeias indígenas, espalhadas por todo o estado. Nas quais, nessas aldeias indígenas vivem o povo Tupi, o povo Terena, o povo Kaingang, Krenak e Guarani. E assim, no ano 2002 eu me mudei da cidade de Peruíbe pra cidade de Guarulhos. E na verdade, eu fui convidado pra morar nessa cidade através de um grande amigo né Robson é um grande amigo meu. E ele foi quem convidou pra vim pra cá em 2002. Pra quê? Pra que junto, a gente pudesse se unir e lutar pelos povos indígenas que vivem nessa cidade, né... Guarulhos. Essa cidade na época tinha 14 etnias, que residiam aqui, que não tinham direito a nada! Não tinha direito à saúde, direito à educação, direito à cultura e também direito à uma moradia digna e muito menos, à terra. A maioria dos índios, que vivem hoje na cidade de Guarulhos, é maioria do nordeste, da Bahia, Pernambuco, Alagoas e de vários estados, menos do Estado de São Paulo. Eles vieram pra cá na década de 50, esses índios que vivem na cidade de Guarulhos. Eu vim pra cá com esse objetivo, de estar juntando eles, mostrando pra eles a importância da cultura de cada um, a importância da espiritualidade de cada um, e a importância de ser índio, a importância que cada um de nós temos enquanto indígena. Então a importância de lutar pelos nossos direitos. Foi quando a gente começou



a conversar com esses povos aqui na cidade de Guarulhos, fomos batendo de casa em casa, em várias regiões da cidade, nos bairros Pimentas, São João, Cocaia, enfim, nos quatro cantos da cidade. Explicando a importância da sua cultura e... A importância de estarmos lutando por uma terra nessa cidade. De 2002 à 2006 fomos se organizando, onde, em 2008 acontecia o primeiro Encontro de Povos Indígenas em Guarulhos. Na qual, entregamos um documento pro governo municipal, pro governo estadual e pro governo federal pedindo nossos direitos. Porque o indígena, independente da onde ele esteja, esteja na aldeia ou em cidade, ele tem o seu direito garantido. Porque, se a gente parar e pensar uma pessoa vem de outro país pro Brasil, ele não deixa de ser o que ele é! Então porque nós indígenas, saímos de nossas terras, viemos pra cidade deixamos de ser índio?! Deixamos de ter nosso direito garantido. Então essa foi a nossa luta na cidade. Durante muitos anos. Então em 2008, nós fizemos esse documento. Entregamos pra esses órgãos competentes né... e através disso, a gente vinha todo ano reivindicando o nosso direito. Direito à terra, direito à moradia, direito à saúde, direito à educação e direito à cultura também que é muito importante né?

(M.C.) - E a regularização da área, como anda o processo de concessão aos moradores da Filhos dessa Terra?

(A.W.) - Durante vários anos, aconteceu eventos em Guarulhos, enquanto a gente enquanto organizadores, organizadores do movimento indígena. Trazíamos também as aldeias do Litoral Norte, da Capital, e até do Interior pra participar dessa festividade em Guarulhos. Porque os índios aqui da cidade não se reuniam. Chegou encontro que a gente chegava a trazer 300 indígenas das aldeias. E aí foi indo, foi indo quando em 2017, teve uma mudança de gestão, de governo e nós marcamos uma reunião no Paço Municipal em Guarulhos, e o prefeito nos recebeu⁷. Através dessa recepção no Paço Municipal, o prefeito em 2017 designou a sua equipe, da Secretaria de Igualdade Racial pra fazer um levantamento em Guarulhos, onde teria uma terra pra colocar os seus índios. Foi quando

⁷ O prefeito em questão é Gustavo Henric Costa, conhecido como Guti. Considerado atualmente como o pior gestor da cidade nos últimos 32 anos, por sua política de cunho privatista e pela sua desatenção à programas assistenciais e sociais. Foi o responsável pela privatização das únicas empresas públicas que prestavam serviços públicos na área da educação, saúde e zeladoria no município, respectivamente o SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) e a PROGUARU (Progresso e Desenvolvimento Guarulhos S.A.).



aquela Subsecretaria, a de Igualdade Racial começou a fazer o levantamento em Guarulhos. E desse levantamento, o que foi feito? Levantou-se duas terras em Guarulhos, uma no Cabuçu e a segunda na Água Azul. A da Água Azul, nós enquanto indígenas já tínhamos o conhecimento, que a gente anda muito, por Guarulhos procurando terra. E aí, essa do Cabuçu, a gente não conhecia, que fica aqui bem beirando o Rodoanel. Então foi quando o subsecretário nos trouxe pra conhecer essa terra aqui em Guarulhos, aqui no Cabuçu. E através dessa visita aqui nessa terra, mostrou pra nós, e foi onde nós pegamos e escolhemos ela pra viver. A partir da escolha nossa aqui, o subsecretário voltou com sua equipe, sua equipe de trabalho e começou a elaborar um projeto pra essa terra e em menos de um mês, ele chamou nós, lideranças indígenas para apresentar o projeto. Foi onde se apresentou esse projeto aqui com 50 moradias, com CRAS pros indígenas, com Posto de Saúde Indígena e também a questão da sustentabilidade, que é muito importante né...e escola também indígena. Nós gostamos muito do projeto, o projeto foi muito bem elaborado, e através desse projeto nós esperávamos o documento da terra, da concessão da terra no encontro dos povos indígenas que ia acontecer em 2017 em agosto. Foi onde mais uma vez nos organizamos pra essa grande festa. Esse grande encontro da diversidade cultural de várias etnias não só de Guarulhos, mas também das aldeias. Se preparamos pra receber os parentes das outras aldeias, e recebemos eles no final de semana, onde aguardávamos muito esse documento, só que o documento não tava pronto ainda! Só que nós tínhamos pressa, porque o governo já tinha mostrado a terra pra nós e mostrado o projeto. Nós estávamos muito ansiosos pra entrar na terra. Foi quando descobrimos que não havia documento nenhum, e nós enquanto lideranças indígenas se organizamos, se reunimos e decidimos em... 27 de outubro de 2017 fazer a primeira retomada de terra na cidade de Guarulhos! Formar a primeira aldeia indígena Multiétnica na cidade de Guarulhos, na qual, nós sonhávamos muito. Porque sempre falamos, “nós não temos o chão pra pisar”, e quando eu falo chão, não é minha casa, não é sua casa e sim, é a terra que a gente precisava. Porque a terra pra nós, é o mais sagrado, a terra pra nós é o que mais importa pra os indígenas... e em Guarulhos não tinha. Então nós optamos por fazer essa retomada, onde nós entramos nessa terra aqui em Guarulhos em 2017, em 27/10 às 15h, onde nós criamos a primeira Aldeia Indígena que se chama Filhos dessa Terra. Só



que essa aldeia, o nome dela já tem registro desde 2009. Em 2009, nós já tínhamos esse nome, Filhos dessa Terra. Apenas, quando fizemos a retomada em 2017, nós firmamos o nome. E é nela que hoje nós vivemos. E assim ... durante a fundação dela, pra nós foi muito bom, que começamos a divulgar essa aldeia, começamos a receber visitantes nessa terra pra poder manter o nosso sustento, com artesanato, com danças, com palestras, com oficinas. Como nossa aldeia, na época, não tava consolidada ainda pra receber visitação, o que acontecia? Nós pegava, divulgava a aldeia e nós íamos até a escola. Então nós pegava nosso grupo aqui da aldeia, ia nas escolas se apresentar, com canto e dança, ia se apresentar com palestras, com oficinas e assim por diante, até nossa aldeia ficar formada. Quando a gente firmou ela um pouquinho mais, foi quando começam a receber visitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, buscou entender um pouco da trajetória da fundação da Aldeia Multiétnica Filhos dessa Terra, pela interlocução dos seus membros, os indígenas residentes no local, bem como trazer à baila algumas dificuldades enfrentadas por esses indivíduos. A proposta dessa monografia, foi compilar o que nos informa os entrevistados e expor as suas queixas contra o descaso da Administração pública em relação às necessidades dessa comunidade.

Também, trazer para o debate, as várias formas de preconceitos de que padecem, mostrando as implicações de viverem num contexto de cidade grande, não sendo reconhecidos enquanto indígenas, e tendo que conviver com o ostracismo em são colocados, por não respeitarem os seus costumes e seu modo de vida. Este trabalho, quis mostrar um pouco da força e da luta desse povo, que apesar dos percalços e empecilhos, ainda é resistente. E como diz Simone Pankararu: "Ser indígena é resistência! Enquanto a gente tiver aqui, vamo lutar por nossa causa, nossos direitos!".

Nosso desejo também, é que mais trabalhados no âmbito acadêmico sejam dedicados a essa temática e que sirvam como documentos de denúncia contra a ineficiência do poder público de cumprir seu papel, e que também sirva de mote para mais material de pesquisa sobre os nossos irmãos indígenas, que estão fazendo agora história



na cidade de Guarulhos.

REFERÊNCIAS

Bibliografia:

DIETRICH, A. M., Hashizume, C., Franciscato, I. (org.), Coleção Educação em Direitos Humanos, Linguagens e Narrativas. Santo André: UFABC, 2020.

GEERTZ, Clifford. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

RANALI, João. Repaginando a história. São Paulo/Guarulhos: Ed. SOGE, 2002.

SANTOS, Carlos J. F. Identidade urbana e globalização: A formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP. São Paulo: SINPRO/ Guarulhos/ Ed. Annablume, 2006.

Entrevistas:

PANKARARU, Ana Paula. Em entrevista concedida em 08/06/2022, na Aldeia Multiétnica Filhos dessa Terra, Guarulhos-SP. Gravada em áudio e transcrita.

PANKARARU, Simone. Em entrevista concedida em 08/06/2022, na Aldeia Multiétnica Filhos dessa Terra, Guarulhos-SP. Gravada em áudio e transcrita.

WERA, Awa Kuaray. Em entrevista concedida em 10/06/2022, na Aldeia Multiétnica Filhos dessa Terra, Guarulhos-SP. Gravada em áudio e transcrita.

Sites:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/06/aldeia-indigena-em-guarulhos-tem-ocas-usadas-como-casas-de-reza-incendiadas> .

<https://www.guarulhosonline.com.br/cidade/19-de-abril-guarulhos-e-territorio-de->





indigenas-em-contexto-urbano/

Vídeos:

Resistência Indígena em Guarulhos – Lei Aldir Blanc:
https://www.youtube.com/watch?v=y15e4Ud_Nj0

Tupinambá subiu a serra (documentário indígena):
<https://www.youtube.com/watch?v=O8OqafQyWGE>

